

Diálogos interculturais e identidades nacionais: transculturalidade e transdisciplinaridade

Martha Abrahão Saad Lucchesi*
Eliana Branco Malanga**

Resumo

O objetivo deste estudo é traçar um paralelo entre as identidades nacionais e as disciplinas, mostrando que a integração cultural, assim como a inter e a transdisciplinaridade decorrem da modificação do estatuto de poder. A disciplinaridade da ciência moderna nasce simultaneamente ao racionalismo e ao Estado nacional. Hoje, a Europa se debate com choques culturais resultantes da mundialização da economia e do deslocamento das pessoas com a permeabilidade das fronteiras nacionais e as Américas partem de uma identidade moderna para buscar a superação de suas fronteiras e a integração cultural. É necessário registrar que o Estado brasileiro tem mesclado culturas desde sua origem colonial, caracterizando-se pelos sincretismos, e busca sua identidade nacional transcultural a partir do início do século XX. Como objetivo específico, pretende-se mostrar que os países das Américas gozam de uma situação privilegiada para promover a interculturalidade. Para fundamentar nossa proposta de uma transculturalidade a partir do modelo brasileiro, tomamos como teorias de base Bauman (1999a, 1999b, 2004, 2005), Foucault (1995, 1987), Castells (1999), Morin (2002) e Nicolescu (1997, 2001, 2003). Serão utilizados os métodos histórico e comparativo, e a abordagem dedutiva, e como técnica a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Transdisciplinaridade. Glocalização. Culturas.

* Pós-Doutora em Políticas Públicas da Educação Superior pela Universidade de São Paulo; Doutora e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; graduada em Letras (PUC-Campinas), Pedagogia; Advogada; pesquisadora do Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo; Rua Oscar Freire, 416, apto. 123, 01426-001, São Paulo; mgrlucchesi@uol.com.br

** Doutora em Semiologia pela Universidade de São Paulo. Professora da UNIFESP; coordenadora de Pós- Graduação da FPA; Alameda dos Arapanés, 725, apto. 11B, Moema, 04524-001, São Paulo; ebmalanga@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A globalização pode ser compreendida como a expansão e a agilização do comércio internacional. Castells (1999) criou o conceito de “sociedade em rede” para mostrar as consequências sociais e culturais da integração mundial via rede de computadores. O resultado é o aumento significativo do intercâmbio internacional de ideias, conhecimento científico e tecnologia, por meio de *networks* de pesquisadores.

Existe ainda, outro elemento que não foi tão facilmente aceito pelos países desenvolvidos, que comandam a rede e a globalização: a circulação de pessoas. Para os capitais não existem fronteiras e qualquer proposta nesse sentido é considerada inviável. Entretanto, para os trabalhadores, as fronteiras estão se tornando cada vez mais rígidas. E não apenas as fronteiras nacionais (ou de um bloco como a União Europeia), mas as fronteiras culturais dentro de um mesmo país.

Gimeno-Sacristán (2000, p. 27-28) afirma que, diante das condições de mudança que o mundo está vivendo, a cultura adquire um valor de segurança. E, como tal, deve ser valorizada pela educação como um ponto de partida. Ele considera que é preciso “aproveitar o acervo cultural recebido”, mas, fazendo a crítica e os acréscimos necessários.

Altarejos-Masota (2004, p. 29) acrescenta que a globalização precisa suplantiar os limites estritamente econômicos, e alcançar o que ele considera níveis superiores: a cultura e a ética. Para destacar a importância das culturas no processo de globalização, ele criou o termo *glocalización*, aglutinando as palavras “global” e “local”, de modo a ressaltar a importância das culturas locais atingidas pela comunicação e pela economia globalizada. O grande desafio da globalização é, no entender de Altarejos-Masota (2004, p. 33), a *glocalización*, ou seja, a capacidade de integrar as culturas sem negá-las, submetê-las ou deformá-las.

O estudo proposto neste trabalho reveste-se de especial importância ao procurar correlacionar dois fatos da modernidade: as fronteiras nacionais e as disciplinas. Especialmente, pela proposição de que, a superação das fronteiras nacionais e a revalorização das culturas tomem como modelo possível a transdisciplinaridade, já que não se trata de simplesmente resgatar as culturas tradicionais das Américas e Caribe, mas de inseri-las na cultura global como atores de valor. A transdisciplinaridade, ao propor que se crie uma percepção integradora da realidade, sem contudo abandonar as especificidades dos conhecimentos conquistados pelas disciplinas, aponta um caminho para a integração cultural das Américas e Caribe, o que caracteriza a relevância deste estudo.

A essa renovação das culturas, que se modernizam e dialogam “entre si” em busca de uma identidade supranacional, sem perder sua identidade constituída em sua origem, conceituamos neste trabalho, como transculturalidade ou transculturalismo, e que remete-nos à similaridade do processo de renovação do conhecimento científico que caracteriza a transdisciplinaridade. O transculturalismo é um passo adiante ao que Garín Sallán (2004, p. 276) chama de interculturalidade, e que se caracteriza como um diálogo de iguais.

Assim como a transdisciplinaridade busca o que está entre e acima das disciplinas, a transculturalidade configura uma nova proposta que consiste em perceber o todo (a população mundial, submetida à economia globalizada e às redes de informação) e suas relações com as partes, que são as culturas, respeitando-as e permitindo que elas dialoguem com o todo, na construção de um mundo mais equilibrado em termos de troca de conhecimentos.

A questão do diálogo e do respeito à cultura do outro é um passo necessário para a existência de uma convivência global, que institua relações de solidariedade entre os povos de todas as origens. A cultura do imigrante, que Bauman (1999b, p. 64) cunhou como “estranhos”, não vem sendo reconhecida e muitas vezes nem respeitada. O “estranho” reage, tentando manter os padrões de sua cultura de origem. Algumas vezes, esse estranhamento cultural pode chegar à violência física. Retoma-se Bauman (2004) que explicita que a sociedade atual, ou a pós-modernidade trouxe para a condição humana a dicotomia: uma sociedade de consumidores e excluídos, de “arrivistas e párias”, “turistas e vagabundos.”

Essa dificuldade de acolhimento de culturas estrangeiras que a Europa e outros países de culturas mais antigas vêm experimentando nas últimas décadas resulta de um sentimento de cultura nacional rígido, que foi construído no início da Idade Moderna, quando a Espanha, a França, a Inglaterra e tantos outros países europeus se formaram, por meio de longas guerras e da imposição da língua e da religião do grupo vencedor.

Retomamos Bauman (2005, p. 60-61):

[...] no limiar da Era Moderna, a Europa era um mosaico de línguas e grupos étnicos, cada qual almejando alcançar o status de Estado-Nação [...] o Estado emergente precisava de patriotismo [...] o que exigia o expurgo de costumes, dialetos [...] para padrões unificados.

Assim, o castelhano, uma das sete línguas do território da Espanha, tornou-se a língua nacional, e o catolicismo, a religião oficial.

Simultaneamente a esses processos de formação dos Estados nacionais, ocorria uma globalização, representada pelas grandes navegações e pela

colonização das Américas. Na internacionalização dos séculos XV e XVI, a relação com os povos de terras distantes influenciava a economia europeia, mas não ameaçava sua identidade nacional recém-construída. A influência cultural dos povos das colônias sobre as metrópoles era quase nula, em razão da assimetria das relações: o europeu, conquistador, e, no seu próprio entender, civilizador, estava aqui para dominar e aniquilar os “selvagens” locais.

No território das colônias, essa influência não era tão insignificante. Pela necessidade prática de sobreviver utilizando os recursos disponíveis, os colonizadores europeus nas Américas, especialmente na América do Sul, foram obrigados a aprender das culturas locais algumas técnicas, uso de plantas e alimentos. Com a vinda dos escravos africanos, três grupos étnicos e culturais muito diversos tiveram que conviver para produzir. Foucault (1987) afirma que o poder sobrevive porque ele é produtivo. O poder colonial foi produtivo durante certo tempo. Quando ele se esgotou, iniciaram-se os movimentos de independência.

Entretanto, o paradoxo e a particularidade das nações americanas é que os seus “nacionais”, que reivindicavam a independência em relação às suas metrópoles, eram, na verdade, estrangeiros. Ou melhor, seriam estrangeiros se aqui fosse utilizado o conceito europeu, herdado do Império Romano e talvez das cidades gregas, que somente concede a cidadania ao filho de cidadãos. Até hoje, o filho de imigrantes, em alguns países europeus, não tem direito à cidadania do país. Já nas Américas, o direito à cidadania era adquirido (e ainda é) pelo nascimento em território nacional, embora também seja concedido ao filho de cidadãos, ainda que nascido em país estrangeiro.

Essa experiência intercultural que criou o substrato das nações americanas permitiu que os imigrantes de levadas posteriores, dos séculos XIX e XX fossem rapidamente aceitos como “naturais da terra”. Nossos países, multiculturais porque neles convivem várias culturas, são também interculturais porque o diálogo entre elas se estabelece como regra. Mas, falta-nos ainda, como unidade continental, uma identidade cultural mais abrangente, que identifique tanto o povo do Peru quanto da ilha de Martinica (território francês na América Central), como partes desse todo.

Em síntese: a identidade nacional dos países das Américas se formou já na modernidade, e partindo da concepção de Estados nacionais, diferentemente do que ocorreu na Europa ou na Ásia. Consequentemente, a cultura nacional do Brasil, da Argentina, da Bolívia, do Peru e mesmo dos países da América do Norte, já resulta de um interculturalismo.

Nesse momento no qual o mundo encara as mudanças da globalização e da sociedade em rede, surgem em muitos países, especialmente europeus,

reações de rejeição contra o estrangeiro. Para populações que vivem no mesmo espaço territorial há milênios, talvez faça algum sentido pensar em cultura local e cultura estrangeira, mas, em um país como o Brasil, onde o natural da terra era o estrangeiro, essa recusa do outro se torna inviável, pois a própria sociedade foi formada por diversas etnias.

Temos, portanto, nós habitantes das Américas, a prerrogativa de termos uma cultura moderna no sentido de que ela nasceu já na Idade Moderna. Em contrapartida, falta-nos uma ideia clara de nossa identidade coletiva. Pode-se falar em cultura Latino-americana? Quais as identidades que permeiam todo o continente?

O objetivo deste trabalho é evidenciar respostas, ainda que provisórias, às questões anteriormente enunciadas, e certa ousadia nos conduz à equação: cultura e educação; transculturalismo e transdisciplinaridade; que pode nos levar a uma nova síntese, ou seja, apontar a possibilidade que a ideia da transdisciplinaridade¹ “traz em si”: um modelo para uma transculturalidade, a qual seria um caminho possível para a construção de uma identidade supranacional nas Américas.

Este artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: em primeiro lugar, situa-se o contexto mundial dialogando com Castells (1999), Bauman (1999a, 2004, 2005) e outros que demonstram uma nova ordem mundial: a globalização e suas consequências para o fluxo de pessoas; em segundo lugar, faz-se o estudo acerca dos conceitos de multiculturalismo, interculturalismo e transculturalismo e disciplinaridade, inter e transdisciplinaridade; a seguir, apresenta-se a relação de complementaridade e de tensão entre o Estado nacional, seus campos de poder e conjunto de lealdades políticas, mostrando que a mesma relação se aplica às disciplinas como campos de poder e, discutem-se as propostas finalizando o texto com a apresentação de algumas considerações a respeito do tema investigado.

2 MULTICULTURALISMO, INTERCULTURALISMO E TRANSCULTURALISMO

Em determinado momento da história americana o contato entre as culturas levou a alguns processos de troca e integração. Não se pode dizer que nas Américas tenhamos tido um multiculturalismo, no sentido de mútuo respeito de uma cultura pela outra. O que se teve desde o início foi um interculturalismo, no sentido de que uma cultura assumiu elementos da outra. No Brasil e em algumas outras nações, isso resultou em sincretismos, principalmente religiosos. As religiões afro-brasileiras e as *santerías* de Cuba são cultos

que não existiam nem na África, nem nas metrópoles e nem nas colônias, mas que nasceram em um processo semelhante ao que ocorre quando uma interdisciplinaridade gera uma nova disciplina.²

A interdisciplinaridade combina duas áreas que, pela própria dinâmica de produção do conhecimento científico e do desenvolvimento tecnológico, levam à formulação de novos campos e novas técnicas de pesquisa científica.

A transdisciplinaridade parte de um problema a ser estudado e aglutina pesquisadores de diversas disciplinas para estudá-lo. É preciso considerar que, como diz Morin (2002), a transdisciplinaridade não existe sem as disciplinas. Estas surgiram em razão de uma necessidade de desenvolvimento da ciência. Foucault (1995) abordou a questão da relação entre a disciplinaridade e a ciência moderna.

Capra (1997 apud Moraes, 2004, p. 201), afirma que as disciplinas não estão mais estruturadas como “uma catedral gótica do conhecimento”, estando em processo de “construção e desconstrução” permanente.

Este processo de produção do conhecimento, gerado na pós-modernidade ou, como prefere Bauman, modernidade líquida, indica um caminho que pode ser viável para a integração cultural na globalização.

Garín Sallán (2004, p. 276-277) fala em interculturalidade e caracteriza-a como um diálogo de iguais, no qual duas culturas fazem trocas e vão além da simples justaposição, que define a multiculturalidade. Também se distingue a primeira, a interculturalidade por ser um processo, uma ação e relação contínua, enquanto o multiculturalismo configura uma situação determinada.

Os países das Américas, pela sua peculiar história muito recente em comparação com as nações da Europa e do Oriente, têm maior possibilidade de adotar uma postura intercultural, pois o diálogo entre as várias culturas foi sempre necessário, desde o período da colonização e tornou-se mais importante a partir do momento em que se conquistou a independência. Mas se, ao contrário da Espanha, que forjou sua união nacional pela imposição de uma língua e de uma religião, unificando regiões e identidades autônomas, na América Latina, os países de colonização espanhola são vários, todos falando o mesmo castelhano que se impôs como espanhol, mas cada um tendo uma dinâmica própria com as culturas pré-colombianas que o compõem e com aquelas que vieram se agregar posteriormente, seja como escravos, seja como imigrantes.

O Brasil, ao contrário dos demais, manteve sua unidade e fala o português. Entretanto, existem semelhanças culturais que cabem descobrir entre as nações das Américas. O que temos em comum? Esta é a pergunta que hoje

nos fazemos com o objetivo de criar uma união sul-americana e caribenha. De modo geral, poder-se-ia dizer que somos nações ibero-americanas, ou seja, países das Américas que foram colonizados pelos países da Península Ibérica, Portugal e Espanha. Mas esse conceito excluiria algumas ilhas da América Central onde se fala o inglês (Bahamas), o francês (Haiti, Martinica e Guadalupe) ou o holandês (Aruba e Curaçao). Somos, portanto, as três Américas e o Caribe, o Novo Mundo ou Novo Continente, como nos designavam aqueles que nos colonizaram. Essa denominação traz uma série de implicações, pois, além de estabelecer uma relação com a cultura mais antiga da Europa, traz implícita uma mentalidade de inovação. Esta, entretanto, ocorreu, quase sempre, em benefício do Velho Mundo ou Velho Continente, ou seja, Europa e Ásia.

Acostumados que estamos, ao longo de cinco séculos, a viver voltados para o Oceano Atlântico, de onde vinham as ordens dos reis, estamos ainda aprendendo a voltar nosso olhar para dentro, para nossas recentes conquistas democráticas, para nosso próprio continente, para nossos vizinhos. Mas, pela própria característica de modernidade de nossas nações, estamos mais abertos a passar do multiculturalismo que já existe entre nós para o interculturalismo, e deste, para o transculturalismo. Assim como a ciência no fim do século XX buscou romper as amarras das disciplinas e, passando pela interdisciplinaridade, chegou à transdisciplinaridade, este é o momento para que as Américas busquem a transculturalidade.

3 TERRITÓRIOS E DISCIPLINAS COMO CAMPOS DE PODER

A divisão do conhecimento científico em disciplinas, assim como a divisão dos territórios, habitantes e poderes em Estados nacionais são frutos da modernidade. Foucault (1995) afirma que a modernidade, especialmente após a industrialização, tinha especial predileção pela organização e catalogação das coisas, das pessoas, das atividades, inclusive da educação. Ele estuda essa questão em relação ao domínio dos corpos e à normalização do ensino, mas também aborda a questão das disciplinas (2004), afirmando que elas são territórios de poder. No que se refere às culturas, ele afirma que são os códigos culturais que controlam a linguagem, o nosso esquema perceptivo, as técnicas e sua hierarquia (FOUCAULT, 2002, p. 404).

Segundo Guazzelli (1994, p. 1), nos séculos XVII e XVIII existiam a História Natural, a Gramática, e a Economia (ou estudo da riqueza). No século XIX esses mesmos objetos de estudo originaram Biologia, a Economia Política e a Linguística. Não se tratava apenas de uma mudança de nomes, mas, sobretudo,

do, de métodos e do próprio conceito de ciência, que se tornou cada vez mais estrito e definido.

A modernidade estabeleceu não apenas uma nova divisão das ciências, que incluía as Ciências Humanas, também experimentou alguns momentos de fé na ciência e na racionalidade humana, caracterizando a filosofia positivista que se baseava na crença do progresso como uma possibilidade.

No século XIX estabeleceu-se o modo de pensar “moderno”, que privilegiava o conhecimento científico que tenha por modelo as ciências experimentais. As Ciências Humanas que surgem nesse momento, como a Sociologia, a Linguística e a Antropologia, por exemplo, buscam adaptar métodos das ciências exatas e experimentais. Ao fazer isso, esses pesquisadores já estavam praticando um dos tipos da interdisciplinaridade, o qual consiste, justamente, em tomar emprestado algum método de outra ciência.

Os campos do conhecimento modificaram-se desde a Antiguidade Clássica até a modernidade. Mas essa transição não aconteceu suavemente, nem de modo contínuo. Foucault (1971, p. 15) afirma que essas mudanças são repentinas, que certos eventos determinam uma mudança de rumo. Ao analisar a Antiguidade Clássica e seus modelos de conhecimento, percebe-se que eles estão muito distantes dos nossos paradigmas perceptivos e do nosso entendimento de ciência. Isso deveria nos levar à reflexão de que também nossos modelos são transitórios, e, de fato, essa transição já está ocorrendo. Quando analisamos as culturas e os contatos e trocas entre elas, não podemos mais utilizar a visão “moderna”, que estudava as estruturas das sociedades, mas temos que pensar em uma superação da modernidade, que seja capaz de compreender como as culturas americanas se acomodaram nos Estados nacionais que surgiram com os movimentos de independência do século XIX e as consequências desse processo nos dias atuais.

A divisão do estudo entre limites rígidos das disciplinas decorreu de uma exacerbação da obediência ao conselho de Descartes de que devemos dividir o objeto de estudo, dedicando-nos a uma pequena parte dele. De fato, delimitar um objeto de estudo permite o aprofundamento, mas isso não significa que a realidade seja composta de pedaços estanques, devidamente contidos em cada disciplina, pois a realidade é complexa e dessa forma precisa ser compreendida.

Do mesmo modo, as culturas, sendo ricas e complexas, dificilmente cabem nas divisões arbitrárias dos Estados nacionais. Essa dissonância entre culturas e Estados é mais facilmente percebida na África, onde as fronteiras foram traçadas pelo colonizador em um processo totalmente artificial.

Já nas Américas, a formação das nações independentes surgiu de um

processo histórico mais longo, de modo que existe alguma relação entre as nações americanas e as culturas pré-colombianas que existiam em seus territórios. Isso não ocorreu de maneira uniforme no subcontinente. Em alguns países das Américas, as culturas nativas quase desapareceram. Em outros foram absorvidas pelas demais culturas, em um processo de sincretismo. Em alguns países da América do Sul, como é o caso do Brasil, predomina a cultura do colonizador europeu, influenciada pelo africano que veio como escravo, e com alguns elementos das populações nativas, em um sincretismo que se iniciou já no período colonial e que mascarou a presença de outras culturas que não a do colonizador. Em compensação, o imigrante veio para cá a partir do século XIX, trouxe sua cultura e foi bem aceito por uma população que não tinha a cultura local como valor a ser preservado.

Diferentemente do que ocorreu nos países da Europa, cuja formação está na própria origem da modernidade, mas cuja existência e identidade é bastante anterior, no Novo Mundo a identidade nacional somente surgiu com o Estado nacional. Havia certamente uma nação e uma cultura tupi, mas nação e cultura da maneira como entendidas pelos europeus não eram conceitos pertinentes às culturas indígenas.

O Estado nacional é um fato recente. Ele se consolidou como tal por volta de 1830, segundo Hobsbaum (1990). Houve três períodos. No primeiro período estabelece-se a relação entre nação e território, no segundo articula-se o território à língua, à religião e à raça, e, somente em um terceiro, surge a consciência nacional, entendida por um conjunto de lealdades políticas.

Hobsbaum (1990) considera que para o liberalismo econômico o Estado nacional foi sempre um empecilho, que ele tolerou por necessidade e não por uma vantagem, já que tinha o monopólio de emissão de moeda e também das finanças públicas e das atividades fiscais. Por isso, criou-se o conceito de "economia nacional" e propunha-se a "riqueza das nações".

Essa relação de complementaridade e de tensão entre o Estado nacional e o capitalismo é que hoje se encontra em crise. As fronteiras nacionais já não podem ter o mesmo significado no mundo "globalizado", ou, mais exatamente, na economia virtual que permite retirar um capital não físico de um lado do mundo e depositá-lo em outro em poucos minutos.

Já que o Estado nacional não é mais capaz de controlar as empresas capitalistas supranacionais, como definir nacionalidade? Uma opção que vem se manifestando é a revalorização da língua, da religião e da raça (embora a ciência não aceite mais o conceito de raça).

Bauman (1998) conceituou nosso tempo como "pós-modernidade", a

qual seria uma “condição atual da modernidade”, ressaltando que a velocidade da economia, da movimentação de capitais, permite-lhes manter-se “permanentemente um passo adiante de qualquer Estado”. Dessa forma a economia se tornou supranacional. Como os Estados nacionais não mais correspondem à realidade na qual vivemos e trabalhamos, surgem novas formas de organização geopolítica, que se iniciam com zonas de livre comércio e podem chegar a uniões federativas que reúnem vários países. (Bauman, 1999a, 1999b). Posteriormente, Bauman (2007) modificou seu conceito para “modernidade líquida”, em referência à falta de centros identificáveis de poder das empresas transnacionais e do capital internacional, que estão em toda parte e não são de nenhum lugar em particular. Nessa era evidencia-se que a sociedade deve se apoiar em “novos valores” que, como nos diz Bauman (1999a, p. 289), são “a liberdade, a diversidade e a tolerância”.

Transculturalidade é uma ideia nova, um instrumento de interpretação da nova realidade gerada pela sociedade em rede e pelos meios de comunicação de massa de alcance global. Semelhantemente ao que ocorreu no início do período moderno, nossas identidades nacionais se multiplicam e se diluem. É comum que a mídia, atualmente um poder com grande influência na cultura, mencione identidades compostas como “franco-colombiana” ou “franco-argentino”. O que se pode observar é uma tendência cada vez maior à diluição da identidade nacional. O Estado nacional já não é tão rígido e claro como foi no passado. Percebe-se que no momento nos cabe buscar uma identidade transcultural, sem abrir mão de nossas múltiplas e ricas culturas locais.

Para Nicolescu (2001, p. 6-7), esse caminho decorre da modernidade, pois ela conduz a uma reaproximação entre as culturas, apesar de fazê-lo sob uma aparência caótica. Ele menciona três possibilidades de aproximação entre as culturas: a pluricultural, a intercultural e a transcultural. O primeiro caso, embora não represente uma verdadeira comunicação entre as culturas, é um contato enriquecedor, pois permite a cada cultura refletir sobre si mesma a partir de outra. Já a intercultural resulta dos processos de comunicação e de globalização econômica. Nesse caso, já se percebe a influência renovadora que culturas antes desconhecidas podem ter sobre a cultura ocidental moderna. Nicolescu exemplifica como contato intercultural a influência da arte africana no movimento cubista.³

Tanto a pluricultural quanto a intercultural têm limitações e não bastam para “a comunicação entre todas as culturas”, pois esta “pressupõe uma linguagem universal, erigida sobre uma base de valores partilhados”. Elas são, contudo, “passos importantes rumo ao advento” de uma “comunicação trans-

cultural". O transcultural significa "uma abertura de todas as culturas a tudo aquilo que as atravessa e as ultrapassa".

Cada cultura é a atualização de uma potencialidade do ser humano, em um lugar preciso da terra e num momento preciso da história. [...] é o ser humano, em sua totalidade aberta, que constitui o lugar sem lugar daquilo que atravessa e ultrapassa as culturas (Nicolescu, 2001, p. 7).

4 CONCLUSÃO

A modernidade estabeleceu uma hierarquia entre as culturas, como fez entre as ciências e entre esta e as demais formas de conhecimento. A ciência passou a ser o conhecimento moderno, que substituiu e desvalorizou as demais formas de conhecimento: a filosofia, a religião e o conhecimento tradicional baseado na experiência. As ciências experimentais, que podem demonstrar empiricamente os seus postulados, passaram a representar o único modelo de pensamento científico, aquele que as ciências humanas tiveram que se adaptar para serem aceitas.

Do mesmo modo, a cultura europeia moderna, capitalista, racional e cristã (embora não mais necessariamente católica) significava a civilização, o avanço, o progresso. As demais culturas ocupavam (e ainda ocupam) uma posição inferior.

A interdisciplinaridade surgiu para cobrir novas áreas de conhecimento que nasceram a partir da percepção de questões já existentes ou em resultado do próprio desenvolvimento tecnológico que suscitou novas necessidades. Assim, hoje existem, por exemplo, a Biomedicina, a Bioquímica, a Psicopedagogia, a Neurofisiologia e tantas outras disciplinas que surgiram da interdisciplinaridade.

A grande dificuldade da interdisciplinaridade é vencer as barreiras de defesa dos territórios de poder de cada disciplina. O mesmo ocorre com as culturas, que inclusive tendem a se reafirmar e readquirir importância, como reação à globalização (ALTAREJOS-MASOTA, 2004).

Se as ciências caminham para a superação de sua segmentação esterilizante, atingindo a interdisciplinaridade e, atualmente, passando para a transdisciplinaridade, também podem as culturas estabelecer um diálogo intercultural e buscar a transculturalidade, que se assemelha à *glocalización* (ALTAREJOS-MASOTA, 2004), ou seja, a acolhida e valorização da cultura do outro, como ponto de início para a construção de uma ordem cultural integradora.

Transculturalidade é uma ideia nova, um instrumento de interpretação da

nova realidade gerada pela sociedade em rede e pelos meios de comunicação de massa de alcance global. Semelhantemente ao que ocorreu no início do período moderno, nossas identidades nacionais se multiplicam e se diluem.

Essa relação transcultural, assim como a transdisciplinaridade não anula as disciplinas, permite criar uma identidade transnacional, sem perder nossas identidades e culturas nacionais e as culturas peculiares de cada região, inclusive as culturas tradicionais de alguns países da América do Sul e Caribe.

Por terem surgido na modernidade, quando alcançaram sua independência, os países das Américas acolheram o estrangeiro com mais facilidade do que as nações mais antigas, cuja cultura milenar vê o estrangeiro como ameaça. Essa condição privilegiada deve ser aproveitada para uma maior e melhor integração dos países americanos entre si e em sua relação com o mundo.

Intercultural dialogues and national identities: transculturality and transdisciplinarity

Abstract

The aim of this study is to draw a parallel between national identities and disciplines, showing that cultural integration, as well as inter- and transdisciplinarity result from a change in the status of power. Disciplinarity in modern science comes into being at the same time as rationalism and the national state. Today Europe is struggling with culture shocks stemming from the globalization of the economy and the displacement of people due to the permeability of national borders while the Americas, based on a modern identity, seek to overcome their borders and achieve cultural integration. One must register that the Brazilian State has merged cultures since its colonial origin, characterized by syncretisms, and has been seeking its transcultural national identity since the early twentieth century. We specifically intend to show that the countries in the Americas enjoy a privileged position to promote interculturality. To support our proposal for a notion of transculturality based on the Brazilian model, we resort basically to the theories of Bauman (1999, 2003, 2005) Foucault (1985, 1996), Castells (1999), Morin (1987, 2001, 2002) and Nicolescu (1999, 2004). Historical and comparative methods will be used, as well as a deductive approach; the technique employed will be a bibliographical survey.

Keywords: Interdisciplinarity. Transdisciplinarity. Glocalization. Cultures.

(Endnotes)

¹ A transdisciplinaridade não é uma fusão das disciplinas, mas uma postura científica de produção do conhecimento, que parte da complexidade do real a ser estudado e que considera o fato de ser a realidade uma construção mental que o ser humano faz do real por ele percebido, a partir de seus estereótipos culturais e paradigmas perceptivos. Em suma, como não existe a possibilidade de uma percepção neutra e objetiva, e como a realidade não pode ser contida nos limites das disciplinas, cabe mudar nosso paradigma, integrando os vários níveis de realidade (ou seja, as diversas e fragmentadas percepções do real) para ampliar o conhecimento (NICOLESCU, 2003).

² Um dos tipos de interdisciplinaridade é aquele que, pela superposição do conhecimento de duas disciplinas gera uma terceira que agrega um conhecimento novo, e que é capaz de atender a uma realidade mais complexa, além dos estreitos limites das disciplinas (NICOLESCU, 1997).

³ A obra, *Les demoiselles d'Avignon*, de Pablo Picasso, teve inspiração em máscaras africanas, segundo o próprio artista.

REFERÊNCIAS

ALTAREJOS-MASOTA, Francisco. Globalidad y educación: orientaciones de globalización. La educación en contextos multiculturales: diversidad e identidad. CONGRESO NACIONAL Y IBEROAMERICANO DE PEDAGOGÍA, 13., 2004, Valencia. **Anais...** Sociedad Española de Pedagogía. Valencia, p. 13-44, sep. 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Em busca da Política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000

_____. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999a.

_____. **O Mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999b.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Microfísica do poder**. 11. reimp. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. **Vigiar e punir: história das violências nas prisões**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GARÍN SALLAN, Joaquín. Organizar la escuela intercultural: una exigencia del futuro. Congreso Nacional y Iberoamericano de Pedagogía, 13., 2004, Valencia. **Anais...** Valencia, sep. 2004. Ponencias. La educación en contextos multiculturales: diversidad e identidad. Valencia: Sociedad Española de Pedagogía, 2004.

GIMENO-SACRISTÁN, J. **Educar y convivir en la cultura global**. Madrid: Ediciones Morata, 2000.

GUZZELLI, Iara. O Conceito de solo epistemológico. Centro de Filosofia do Instituto Sedes Sapientiae, **Cadernos de Filosofia**, v. 1, n. 1, 1994.

HOBBSBAUM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento ecossistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3.ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2002. (Epistemologia e Sociedade).

NICOLESCU, Basarab. **Definition of transdisciplinarity**. Rethinking Interdisciplinarity The Potencial of Transdisciplinarity.thm. Disponível em: <<http://www.interdisciplines.org/interdisciplinarity/papers/5/24/>>. Acesso em: 15 dez. 2003.

_____. Que universidade para o amanhã? Em busca de uma evolução transdisciplinar da Universidade. CONGRESSO INTERNACIONAL DE LOCARNO, 1., 1997, Locarno. **Anais...** Locarno, abr./maio. Síntese do Projeto Ciret-Unesco: Evolução transdisciplinar da Universidade. Locarno: CIRET-UNESCO, 1997. Disponível em: <<http://basarab.nicolescu.perso.sfr.fr/ciret/locarno/locapor4.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

_____. **Reforma da educação e do pensamento:** complexidade e transdisciplinaridade. Tradução Paulo dos Santos Ferreira. Disponível em: <www.engenheiro2001.org.br/artigos/Nicolescu.DOC>. Acesso em: 10 maio 2011.

Recebido em 27 de junho de 2011

Aceito em 1 de março de 2012

